

**SAGRADO
CORACÃO DE JESUS**

E

**IMACULADO
CORACÃO DE MARIA**



2022

Índice

I - Sagrado Coração de Jesus

1.	<u>Introdução</u>	p. 3
2.	<u>A Solenidade do Sagrado Coração de Jesus</u>	p. 5
3.	<u>História sobre a devoção ao S. C. Jesus</u>	p. 7
4.	<u>Papa Francisco: Frases sobre o S. C. Jesus</u>	p. 9
5.	<u>Santificação dos Sacerdotes</u>	p. 10
6.	<u>Arte e espiritualidade: Duas pinturas</u>	p. 11
7.	<u>12 Promessas do Sagrado Coração de Jesus</u>	p. 14
8.	<u>Ladainha do Sagrado Coração de Jesus</u>	p. 15
9.	<u>Basílica da Estrela: dedicada ao S. C. Jesus</u>	p. 17
10.	<u>Coração de Cristo, paz dos cristãos</u>	p. 18

II - Imaculado Coração de Maria

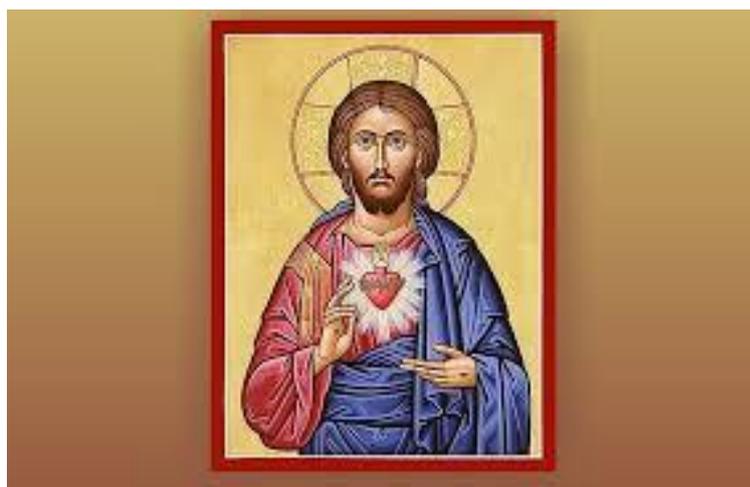
1.	<u>Conheça a origem desta devoção</u>	p. 26
2.	<u>A Consagração dos Sábados</u>	p. 28
3.	<u>Porquê 5 Sábados em reparação ao Imaculado Coração de Maria</u>	p. 30
4.	<u>Como praticar a devoção dos 5 primeiros sábados</u>	p. 32
5.	<u>O poder e a eficácia sobrenaturais da devoção ao Imaculado Coração de Maria</u>	p. 34

I - O Sagrado Coração de Jesus

1. Introdução a esta devoção

Na sexta-feira após o segundo domingo depois de Pentecostes, a Igreja dirige o seu olhar ao lado aberto de Cristo na Cruz, expressão do amor infinito de Deus pelos homens e manancial de onde brotam os seus sacramentos. A contemplação desta cena alimentou a devoção dos cristãos desde os primeiros séculos, pois aí encontraram uma fonte contínua de paz e segurança nas dificuldades.

A mística cristã nos convida a abrir-nos ao Coração do Verbo Encarnado: “Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade, a fim de que possais, com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus” [2].



A piedade popular do final da Idade Média desenvolveu uma veneração profunda e expressiva da Humanidade Santíssima de Cristo sofrendo na Cruz. Difundiu-se assim o culto da coroa de espinhos, dos cravos, das chagas... e ao Coração aberto, síntese de todos os padecimentos do Salvador por amor a nós.

Essas formas de piedade deixaram a sua marca na Igreja, de modo que, no século XVII, nasceu a celebração litúrgica da solenidade do Sagrado Coração. Em 20 de outubro de 1672, um sacerdote normando, São João Eudes, celebrou, pela primeira vez, uma missa própria do Sagrado Coração e, a partir de 1673, foram se difundindo pela Europa as visões de Santa Margarida Maria Alacoque sobre a expansão deste culto. Finalmente, Pio IX estendeu oficialmente à Igreja latina essa festa.

A liturgia do dia desenvolve os dois pilares teológicos da devoção: as riquezas insondáveis do mistério de amor derramado em Cristo e a contemplação reparadora de seu coração perfurado. São mencionados nas duas orações do dia que o Missal Romano oferece: “alegrando-nos pela solenidade do Coração do Vosso Filho, meditemos as maravilhas do seu amor e possamos receber, desta fonte de vida, uma torrente de graças”; “no coração do Vosso Filho, ferido pelos nossos pecados, concedestes-nos infinitos tesouros de amor, fazei que Lhe ofereçamos uma justa reparação”.

A consideração do abismo de ternura do Senhor pelas almas é um convite a dar ao nosso coração a mesma forma do Seu, a unir o desejo de reparação à vontade eficaz de aproximar mais almas d’Ele: “abeiremos-nos um pouco ao fogo do Amor de Deus e deixemos que o seu impulso mova as nossas vidas, sonhemos com a possibilidade de levar o *fogo divino* de um extremo ao outro do mundo, de o dar a conhecer aos que nos rodeiam, para que também eles conheçam a paz de Cristo e, com ela, encontrem a felicidade” [3].

.....

[1] Bento XVI, *Homilia na solenidade de Corpus Christi*, 22/05/2008. [2] Ef, 3,17-19. [3] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, 170.



2. Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

Solenidade do Sagrado Coração de Jesus. “Não Lhe quebraram as pernas; mas um soldado abriu-Lhe o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água”. Conhecer o Sagrado Coração de Jesus para crer no seu Amor é a maior necessidade do nosso coração.



Evangelho (Jo. 19, 31-37)

Era o dia da preparação para a Páscoa. Os judeus queriam evitar que os corpos ficassem na cruz durante o sábado, porque aquele sábado era dia de festa solene. Então pediram a Pilatos que mandasse quebrar as pernas aos crucificados e os tirasse da cruz.

Os soldados foram e quebraram as pernas de um e depois do outro que foram crucificados com Jesus. Ao se aproximarem de Jesus, e vendo que já estava morto, não Lhe quebraram as pernas; mas um soldado abriu-Lhe o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.

Aquele que viu, dá testemunho e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que fala a verdade, para que vós também acrediteis. Isso aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: “Não quebrarão nenhum dos seus ossos”. E noutra parte a Escritura ainda diz: “Olharão para aquele que trespassaram”.

Obs. - Neste ano, 2022, o Evangelho é: Lc. 15, 3-7

Comentário:

A Paixão do Senhor terminou. O seu Corpo, exausto, submetido à mais cruel das torturas, é agora um cadáver.

No entanto, embora o Seu Coração tenha parado de bater, as manifestações do seu Amor não terminaram. Há ainda uma última prova. Ainda há sangue e água, que são talvez os dois principais símbolos da vida. E Jesus não os quer guardar: foi precisamente para nos dar vida que Ele quis morrer.

Os Padres da Igreja escreveram inúmeras e belíssimas reflexões sobre o que está implícito no lado aberto de Cristo, que nos permite aproximar e contemplar o seu Coração. Alguns, como Santo Agostinho, afirmaram que, tal como Eva nasce do lado de Adão, assim a Igreja nasce do lado de Cristo. É também sentimento comum dos santos dos primeiros séculos que este sangue e esta água são representações claras da fonte da qual brotam os sacramentos. E através de Santa Faustina sabemos que o próprio Jesus quis que os dois raios, um vermelho e outro branco, ficassem na imagem da Misericórdia Divina, representando o sangue e a água do seu Coração.

É por isso que a Solenidade do Sagrado Coração de Jesus tem um significado muito profundo para os cristãos. Quando nos referimos ao coração de uma pessoa, pensamos nos seus afectos, nos seus sentimentos, na sua forma de amar. Mas, como São Josemaría nos recorda, “quando na Sagrada Escritura se fala do coração, não se alude a um sentimento passageiro, que produz emoção ou lágrimas. Fala-se do coração para indicar a pessoa que, como o próprio Jesus Cristo nos manifestou, se orienta toda ela - alma e corpo -, para o que considera seu bem: *porque onde está o teu tesouro, aí está o teu coração*” (*É Cristo que Passa*, n. 164).

Esta última frase pode ser um estímulo para surpreender-nos, de novo, pelo amor de Deus: *onde está o teu tesouro, aí está o teu coração*. Portanto, agora que contemplamos Cristo crucificado, dando a sua vida por nós, com o seu lado aberto e o seu Coração trespassado, podemos afirmar sem medo de nos enganarmos: *somos o tesouro de Deus*.

É muito significativo que *aquele que dá testemunho* disto seja São João, o mesmo que se apoiou no peito de Jesus na Última Ceia. O apóstolo adolescente teve a oportunidade única de sentir o bater do Coração do Senhor, que seria particularmente forte, nesse momento culminante, tão ardentemente desejado. Por assim dizer, São João tinha tomado o pulso ao amor de Deus até testemunhar a sua última palpação, comprovando que Jesus viveu e morreu para nos dar vida.

“Conhecemos e acreditamos no amor que Deus tem por nós” (1 Jo 4,16). O apóstolo usa dois verbos: *conhecer* e *acreditar*. São duas pistas que nos podem ajudar a aproveitar a Solenidade de hoje, tão valorizada pela piedade popular da Igreja. São João sabe que está transmitindo algo sublime, impossível de registar em palavras, mas mesmo assim faz essa tentativa. É por isso que ele enfatiza tanto, nas suas cartas, de todos os modos possíveis, que Deus é Amor. É por isso que ele assume a tarefa de nos contar tudo: *porque Ele sabe que fala a verdade, para que vós também acrediteis*.

Conhecer o Sagrado Coração de Jesus para *acreditar* no seu Amor é a necessidade mais profunda do nosso coração. Recorramos à intercessão de Nossa Senhora e de São João, cujos corações bateram em unísono com o de Cristo, para que nunca deixemos de nos maravilhar com este mistério: que somos o tesouro do Coração de Deus.

Luis Miguel Bravo Álvarez // Yandri Fernandez - Getty Images



3. História sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus

Não é um santinho para os devotos, mas «o coração da revelação [cristã], o coração da nossa fé porque Cristo fez-Se pequeno», escolhendo «humilhar-se a si próprio e aniquilar-Se até à morte» na cruz. Com estas palavras o papa falava no ano passado (2017) do Sagrado Coração de Jesus, que em 2018 se celebrou a 8 de junho. Trata-se de uma festa móvel na sexta-feira que ocorre oito dias a seguir ao Corpo de Deus (celebrado originariamente a uma quinta-feira, como em Portugal, mas não em todos os países) e que está intimamente ligada ao dia seguinte, sábado, dedicado ao Imaculado Coração de Maria.

Ainda que a primeira celebração do Sagrado Coração de Jesus remonte ao século XVII, provavelmente no ano de 1672, em França, a devoção tem origens muito mais antigas. O ponto de partida, por assim dizer, é a figura de S. João, o apóstolo que muitas iconografias retratam na Última Ceia com a cabeça apoiada no coração de Jesus.

Um impulso notável acontece depois na Idade Média, de figuras como Matilde de Magdeburgo (1207-1282), Matilde de Hackeborn (1241-1299), Gertrude de Helfta (1256-1302) e Enrico Suso (1295-1366).

Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690)



No entanto, a verdadeira difusão do culto é atribuída a S. João Eudes (1601-1680) e **sobretudo a Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690)**; monja no mosteiro de Paray-le-Monial, em França,

teve durante 17 anos aparições de Jesus que lhe pedia uma particular devoção ao seu Coração.

A primeira visão, quando tinha 26 anos, aconteceu a 27 de dezembro de 1673, festa de S. João evangelista. A santa, na autobiografia, narra-a assim: «Disse-me: "O meu divino coração está tão inflamado de amor pelos homens e por ti em particular, que não podendo mais conter em si próprio as chamas do seu ardente Amor, sente a necessidade de o difundir por meio de ti e de o manifestar aos homens para os enriquecer das preciosas graças de santificação e salvação necessárias para os tirar do abismo da perdição. Para levar ao cumprimento deste meu grande desígnio, escolhi-te, abismo de indignidade e de ignorância, a fim de que seja claro que tudo se cumpre por meio de Mim"».

Numa das visões, o coração de Jesus manifesta-se num trono de chamas, tendo à volta uma coroa de espinhos, simbolizando as feridas infligidas pelos pecados humanos; o que mais o perturba é que «são os corações a Mim consagrados que fazem isto». Pede a Margarida que comungue em cada primeira sexta-feira do mês (sexta-feira foi o dia da crucificação de Jesus) e que a sexta-feira que ocorre oito dias após o Corpo de Deus seja dedicado ao Sagrado Coração.

Em 1673, **Santa Margarida Maria de Alacoque** recebeu várias revelações de **Jesus Cristo** que a fizeram formar uma equipa de apóstolos para essa devoção. Numa dessas revelações, Santa Margarida foi incumbida de pedir ao rei Luís XIV que se consagrasse ao Sagrado Coração de Jesus e que o colocasse nas armas da França sempre que fosse combater os inimigos da Igreja.

Ela garantia ao rei que o Coração de Jesus o ampararia e conduziria o seu reinado a uma grande glória e o esperado dessa atitude é que a França conseguiria atingir um verdadeiro apogeu católico através da restauração da civilização cristã.



Foi só com o papa Pio IX, em 1856, que a festa do Sagrado Coração de Jesus se tornou universal, decisão que rapidamente foi acompanhada pela dedicação de congregações, oratórios, igrejas e universidades. A solenidade celebra o coração como órgão humano unido à divindade de Cristo e o amor de Deus pelos homens, de que o coração é símbolo.



4. Papa Francisco: Frases breves sobre o Sagrado Coração de Jesus

O Sagrado Coração de Jesus é a «máxima expressão humana do amor divino», declarou Francisco dois dias depois da primeira vez que celebrou a solenidade enquanto papa, 9 de junho de 2013.

«A piedade popular valoriza muito os símbolos, e o Coração de Jesus é o símbolo por excelência da misericórdia de Deus; mas não é um símbolo imaginário, é um símbolo real, que representa o centro, a fonte da qual brotou a salvação para a humanidade inteira», frisou.

Francisco lembrou duas passagens do Evangelho com referências ao Coração de Jesus: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e aliviarei-vos. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração» (Mateus 11, 28-29).

«Depois é fundamental a narração da morte de Cristo segundo João. De facto, este evangelista testemunha o que viu no Calvário, ou seja, que um soldado, quando Jesus já estava morto, lhe trespassou o lado com uma lança e daquela ferida saíram sangue e água (cf. 19, 33-34). João reconheceu naquele sinal, aparentemente casual, o cumprimento das profecias: do Coração de Jesus, Cordeiro imolado na cruz, brota para todos os homens o perdão e a vida.»



Para o papa, o «compadecer-se» divino é «o amor de Deus pelo homem, é a misericórdia, ou seja, a atitude de Deus em contacto com a miséria humana», com a «indigência», «sofrimento e angústia» de cada pessoa. Depois,

«Pensem isto, é belo: a misericórdia de Deus dá vida ao homem, ressuscita-o da morte. O Senhor olha sempre para nós com misericórdia; não o esqueçamos, olha sempre para nós com misericórdia, espera-nos com misericórdia. Não tenhamos medo de nos aproximarmos d'Ele! Tem um coração misericordioso! Se lhe mostrarmos as nossas feridas interiores, os nossos pecados, Ele perdoar-nos-á sempre. É misericórdia pura! Vamos ao encontro de Jesus!», assinalou.



5. Santificação dos sacerdotes: celebra-se na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

Na solenidade do Sagrado Coração de Jesus celebra-se o Dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes.

Na mensagem preparada em certa ocasião, a Congregação para o Clero, do Vaticano, sublinhou que «a Igreja e o mundo precisam de sacerdotes santos». O texto recorda a exortação do papa Francisco sobre a santidade, "Gaudete et exultate", no passo em que afirma que «a Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestésiante».



O papa Francisco lançou, em determinada ocasião, duas breves mensagens na rede social Twitter: «A festa do Sagrado Coração recorda-nos que Deus nos amou primeiro: Ele nos espera sempre para nos acolher no seu Coração, no seu amor». E, mais tarde, um apelo: «Peçamos ao Senhor que nos dê sempre bons pastores: homens trabalhadores, de oração, próximos ao povo de Deus».



6. Arte e espiritualidade: O coração de Cristo. Duas Pinturas

O coração, na Escritura, não é a sede dos sentimentos mas dos pensamentos mais profundos e das decisões. Olhar o coração de Cristo significa reportar-se às escolhas fundamentais da existência que apelam a fazer-se verdade em nós mesmos e nos outros.

Hoje já não se fala dos Novíssimos [realidades diretamente relacionadas com o fim último da pessoa], todavia o drama da morte e da finitude da vida entra nas nossas casas com frequência através das notícias: as calamidades naturais, as perseguições contra os cristãos, os homicídios mais absurdos.

Em tempos, a pregação e as imagens disseminadas nos livros de oração ou nas igrejas ajudavam muito a fixar o olhar sobre o próprio coração e sobre as consequências das escolhas mais secretas. Entre as variadas, a iconografia ligada ao Sagrado Coração difunde-se sobretudo após 1650, ou seja, depois das aparições do Sagrado Coração a Santa Margarida Maria Alacoque.

Contudo, há tempos que o coração de Jesus era venerado enquanto modelo das virtudes cristãs. **Alonso Cano**, pintor e escultor espanhol, representa, já em 1636, uma curiosíssima imagem do Coração de Jesus.

O divino infante está sentado com um hábito cinzento, gasto, sinal daquele lençol que o envolve na última hora e aqui tingido de cinza da morte. Parece adormecido, e a esta interpretação nos dirige o título: Jesus Menino com o coração em chamas, ferido de amor, "Ego dormio et cor meum vigilat".

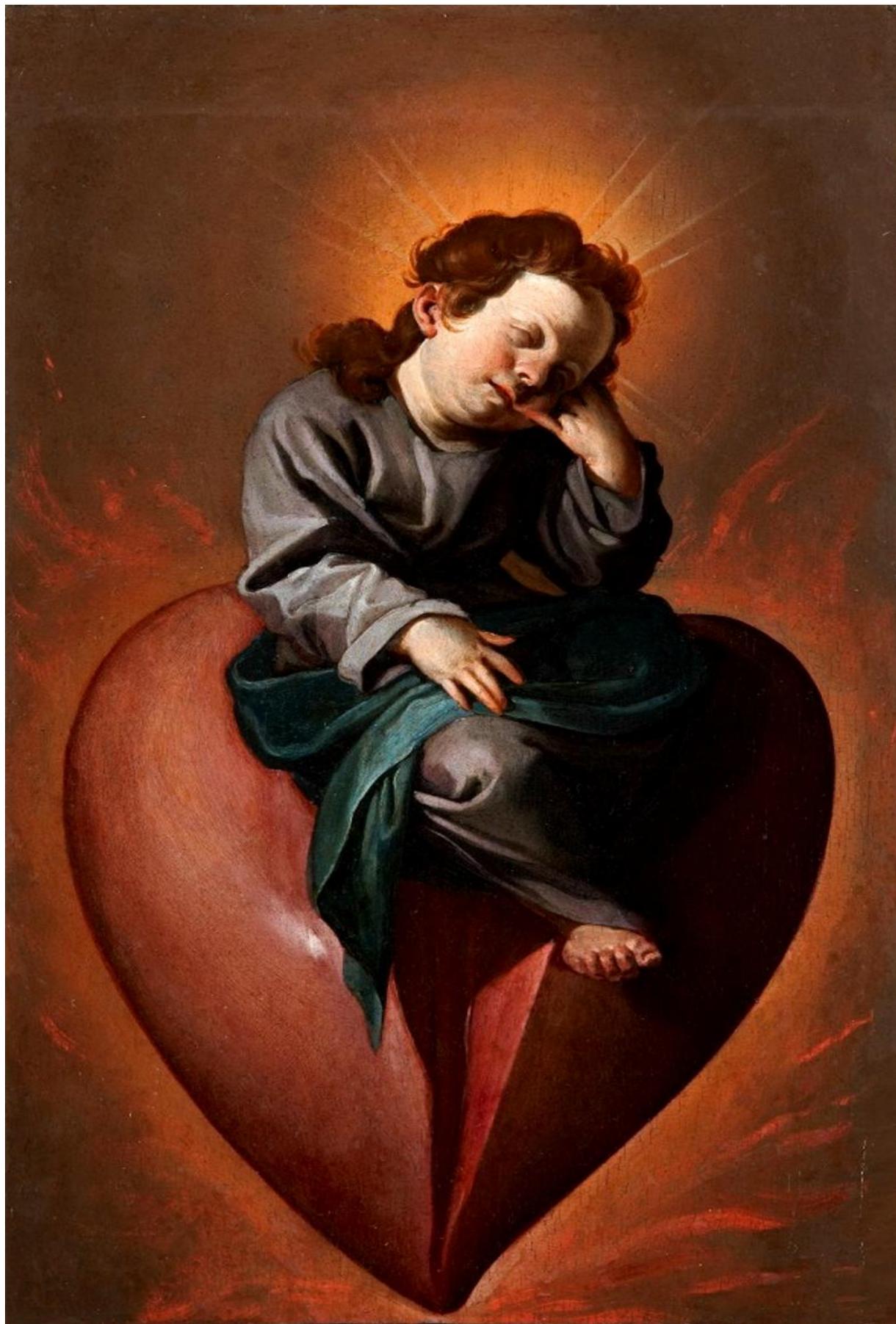
Sim, eu durmo mas o meu coração vigia: as palavras da esposa do Cântico dos Cânticos são postas aqui na boca do esposo, Cristo, que, no sono da morte, vigia sobre todas as nossas feridas. É evidente, de resto, a ferida do coração sobre a qual Jesus se senta, indicando assim o abandono ao seu destino numa oferta sem segunda escolha.

Os olhos, ainda que fechados, veem-nos, perscrutando as nossas respostas. O dedo mindinho não está escondido na bochecha com os outros, e parece já avermelhado daquele sangue que derramará na cruz.

Diante de imagens semelhantes, Santa Teresa de Lisieux amadureceu o seu pequeno caminho, educando-se a viver na profunda consciência do próprio limite e na infinita confiança na misericórdia de Deus.

O manto verde, que o Menino Jesus toca com a mão direita, é símbolo daquela vida que, diferentemente de nós, Ele pode dar e retomar. Assim, o fiel, rezando diante dessas imagens, era impelido a olhar as agruras

da vida presente com a confiança de ser guardado pelo olhar e amor do Salvador, o qual, não obstante o aparente silêncio, continua a velar por nós com a ternura de um pai e a força salvífica do seu sacrifício.



Alfonso Cano | D.R.

Outra obra, fruto de um anónimo peruano do séc. XVII, oferece-nos a efigie do Menino Jesus pintor,

que ilustra aos seus fiéis as verdades últimas. Jesus não está dentro de um atelier, mas entre as paredes do seu coração, modelo de verdade e simplicidade, e, por isso, modelo a imitar para alcançar a vida eterna.

Jesus, enquanto segura a paleta e o pincel, volta o olhar para nós, incitando-nos a dar uma resposta. O seu corpo está entre o paraíso e a ressurreição última, em que se verá o juízo (ao alto) e a morte e o inferno (em baixo).

Sondar o inconsciente nem sempre é fácil, e muitas vezes as motivações do nosso agir escapam-nos. É por isso que à volta do coração de Cristo estão representados alguns personagens que oferecem as ajudas necessárias para se compreender a si mesmos, os outros, e enfrentar a viagem da vida.



Anónimo peruano | D.R.

À esquerda encontramos as virtudes teologais. A caridade pede um coração materno para todos: a criança que amamenta, filho natural, e outra criança que, curiosamente, indica a segunda virtude: a esperança. Esta lê a Escritura, certa de nela encontrar o fundamento do seu esperar; aos pés tem a âncora da salvação que impede de se perder nas borrascas da vida.

De pé e com o olhar dirigido a nós, como Cristo, está a fé, que segura o Santíssimo Sacramento, onde o olhar se purifica e reencontra a justa leitura dos acontecimentos.

Os anjos da tela são Gabriel, Miguel e Rafael, testemunhas dos dons divinos: o anúncio de Cristo (a fé); a vitória última contra o mal (a esperança); a cura que Deus tem para nós (a caridade).

O selo da cena é a Trindade: o Pai coloca a cabeça de fora, observando a obra do Filho e enviando o Espírito Santo. Também nós, hoje, como o antigo fiel de Cusco, olhando para esta imagem aprendemos a confiar-nos ao divino artista, obtendo as cores das virtudes cristãs para fazer da nossa vida uma obra-prima.

Gloria Riva: In "Avvenire"; Trad.: Rui Jorge Martins; Publicado em 17.06.2015



7. 12 promessas do Sagrado Coração de Jesus



- 1 - “A minha bênção permanecerá sobre as casas em que se achar exposta e venerada a imagem de Meu Sagrado Coração”;
- 2 - “Eu darei aos devotos de Meu Coração todas as graças necessárias ao seu estado”;
- 3 - “Estabelecerei e conservarei a paz nas suas famílias”;
- 4 - “Eu os consolarei em todas as suas aflições”;
- 5 - “Serei refúgio seguro na vida e principalmente na hora da morte”;
- 6 - “Lançarei bênçãos abundantes sobre os seus trabalhos e empreendimentos”;
- 7 - “Os pecadores encontrarão, no meu Coração, fonte inesgotável de misericórdias”;
- 8 - “As almas túbias tornar-se-ão fervorosas pela prática dessa devoção”;
- 9 - “As almas fervorosas subirão, em pouco tempo, a uma alta perfeição”;
- 10 - “Darei aos sacerdotes que praticarem especialmente essa devoção o poder de tocar os corações mais endurecidos”;
- 11 - “As pessoas que propagarem esta devoção terão o seu nome inscrito para sempre no Meu Coração”;
- 12 - “A todos os que comunguem, nas primeiras sextas-feiras de nove meses consecutivos, darei a graça da perseverança final e da salvação eterna”.



8. Ladainha do Sagrado Coração de Jesus

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.

Jesus Cristo, atendei-nos.

Deus Pai dos céus, tende piedade de nós.

Deus filho, redentor do mundo, tende piedade de nós.

Deus Espírito Santo, tende piedade de nós.

Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, filho do Pai eterno, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, formado pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, unido substancialmente ao Verbo de Deus, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, de majestade infinita, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, templo santo de Deus, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, tabernáculo do Altíssimo, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, casa de Deus e porta do céu, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, fornalha ardente de caridade, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, receptáculo de justiça e de amor, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, cheio de bondade e de amor, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, abismo de todas as virtudes, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, digníssimo de todo o louvor, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, Rei e centro de todos os corações, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, em que se encerram todos os tesouros da sabedoria e ciência, tende piedade de nós.



Coração de Jesus, onde habita toda a plenitude da divindade, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, em que o Pai pôs toda a sua complacência, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, de cuja plenitude todos nós recebemos, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, o desejado das colinas eternas, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, paciente e de muitas misericórdias, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, riquíssimo para todos que vos invocam, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, fonte de vida e santidade, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, propiciação por nossos pecados, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, saturados de opróbrios,, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, triturado de dor por causa de nossos crimes, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, obediente até à morte, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, trespassado pela lança, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, fonte de toda a consolação, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, nossa vida e ressurreição, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, nossa paz e reconciliação, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, vítima dos pecadores, tende piedade de nós.

Coração de Jesus, salvação dos que esperam em vós, tende piedade de nós.
Coração de Jesus, esperança dos que morrem em vós, tende piedade de nós.
Coração de Jesus, delícia de todos os santos, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus, que tirai os pecados do mundo, perdoai-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirai os pecados do mundo, ouvi-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós.

- Jesus, manso e humilde de coração.
- fazei nosso coração semelhante ao vosso.

Oremos: Deus onnipotente e eterno, olhai para o Coração de vosso filho meritíssimo e para os louvores e as satisfações que ele, em nome dos pecadores, vos tributa; e aos que imploram a vossa misericórdia concedei benigno o perdão em nome do vosso mesmo Filho Jesus Cristo, que convosco vive e reina, um só Deus com o Espírito Santo. Amém.



9. A Basílica da Estrela: Templo dedicado ao Sagrado Coração de Jesus

A basílica da Estrela, em Lisboa, a primeira dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, nasceu da devoção da rainha D. Maria I. Em 1760, aquando do seu casamento com o infante D. Pedro, a ainda princesa fez um voto ao Santíssimo Coração de Jesus, de lhe erguer uma igreja e convento para as Carmelitas Descalças, se lhe fosse concedido o nascimento de um filho varão, o que aconteceu no ano seguinte. O rei D. Pedro contribuiu para a causa, cedendo os terrenos do Casal da Estrela, na parte ocidental de Lisboa. Viria a ser sagrada no dia 15 de Novembro de 1789

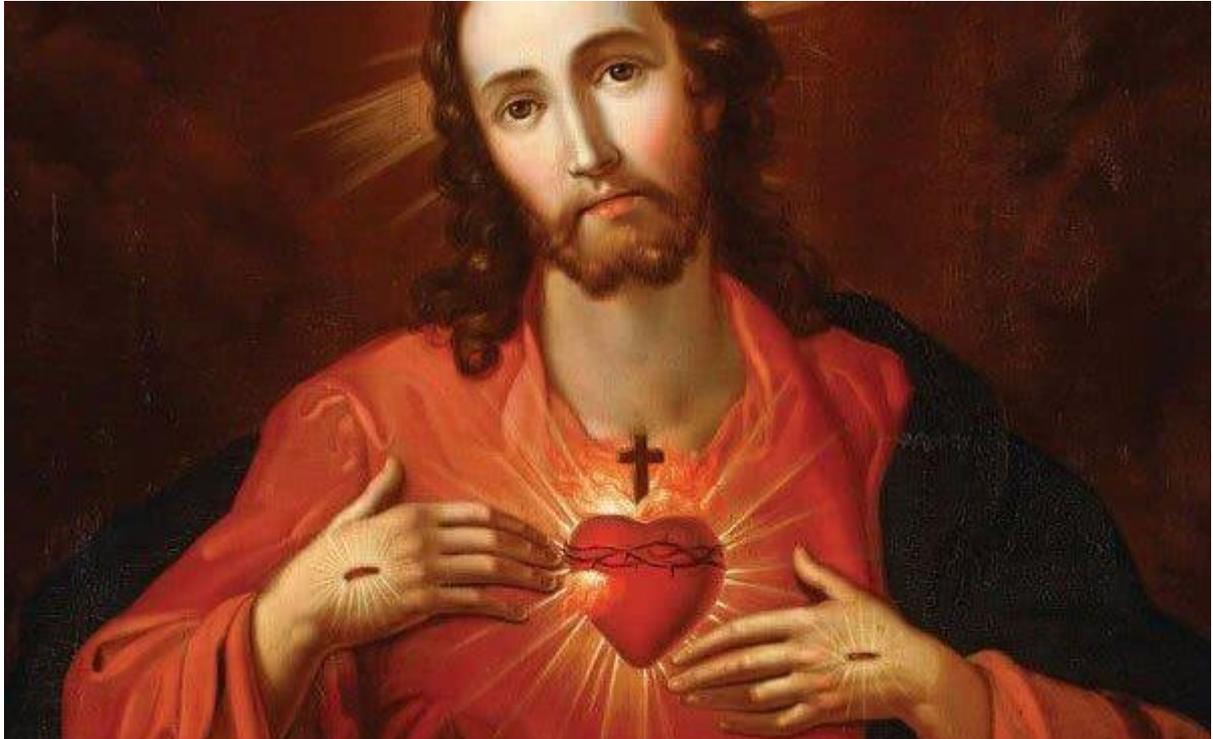


No âmbito da "Reforma geral eclesiástica", empreendida pelo ministro e secretário de Estado Joaquim António de Aguiar, foram extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de religiosos de todas as ordens religiosas, ficando as de religiosas, sujeitas aos respetivos bispos, até à morte da última freira, data do encerramento definitivo. O convento da Estrela foi extinto a 29 de abril de 1885, por falecimento da derradeira religiosa.



10. O coração de Cristo, paz dos cristãos

Homilia de São Josemaria sobre a festa do Sagrado Coração de Jesus, pronunciada no dia 17 de Junho de 1966 e publicada no livro "É Cristo que passa".



Deus Pai dignou-Se conceder-nos, no Coração do Filho, infinitos *dilectionis thesauros*, tesouros inesgotáveis de amor, de misericórdia, de ternura. Se quisermos descobrir com evidência que Deus nos ama - que não só escuta as nossas orações, mas até Se nos antecipa - basta-nos seguir o mesmo raciocínio de S. Paulo: Aquele que nem ao seu próprio Filho perdoou, mas O entregou à morte por nós, como não nos dará, com Ele, todas as coisas?

A graça renova o homem por dentro e converte-o, de pecador e rebelde, em servo bom e fiel. E a fonte de todas as graças é o amor que Deus tem por nós e nos revelou - e não só com palavras, também com atos. O amor divino faz com que a Segunda Pessoa da Trindade Santíssima, o Verbo, o Filho de Deus Pai, tome a nossa carne, isto é, a nossa condição humana, menos o pecado. E o Verbo, a Palavra de Deus, é Verbum spirans amorem, a Palavra de que procede o Amor.

O Amor revela-se na Encarnação, nessa caminhada redentora de Jesus Cristo pela Terra, até ao sacrifício supremo da Cruz. E na Cruz manifesta-se com um novo sinal: um dos soldados abriu o lado de Jesus com uma lança e no mesmo instante saiu sangue e água. Água e sangue de Jesus que nos falam de uma entrega realizada até ao último extremo, até ao *consummatum est*, ao "tudo está consumado", por amor.

Na festa de hoje, ao considerarmos uma vez mais os mistérios centrais da nossa fé, maravilharmo-nos de que as realidades mais profundas - o amor de Deus Pai que entrega o seu Filho; o amor do Filho que O leva a caminhar sereno até ao Gólgota - se traduzam em gestos muito próximos dos homens. Deus não Se nos dirige numa atitude de poder e de domínio; aproxima-Se de nós tomando a forma de servo, tornado semelhante aos homens. Nunca Jesus Se mostra distante e altivo. Por vezes, durante os anos de pregação, podemos vê-Lo desgostoso por lhe doer a maldade humana. Mas, se repararmos melhor, logo perceberemos que o que Lhe provoca o desgosto ou a cólera é o amor, que o desgosto e a cólera são apenas um novo modo de nos arrancar à infidelidade e ao pecado. Porventura quero Eu a morte do ímpio - diz o Senhor Deus - e

não que se converta do seu mau caminho e que viva? Essas palavras explicam-nos toda a vida de Cristo e fazem-nos compreender por que Se apresentou perante nós com um coração de carne, com um coração como o nosso, prova irrefutável de amor e testemunho constante do mistério inenarrável da caridade divina.

Conhecer o coração de Jesus

Não posso deixar de vos confiar algo que constitui para mim um motivo de pena e ao mesmo tempo um estímulo para a ação: pensar nos homens que ainda não conhecem Cristo, que não pressentem ainda a profundidade da felicidade que nos espera nos Céus e vagueiam pela Terra, como cegos, em perseguição de uma alegria cujo verdadeiro nome ignoram, ou se perdem por sendas que os afastam da felicidade autêntica. Como se entende bem o que deve ter sentido o Apóstolo Paulo, naquela noite da cidade de Tróade, quando, entre sonhos, teve uma visão: um macedónio estava diante dele, pedindo-lhe: passa à Macedónia e ajuda-nos! Mal acabou a visão, logo - Paulo e Timóteo - buscaram maneira de passar à Macedónia, certos de que Deus os chamava para pregarem o Evangelho àquelas gentes.

Não sentis vós também que Deus nos chama, que - através de tudo o que se passa à nossa volta - nos impele a proclamar a boa-nova da vinda de Jesus? Mas, às vezes, nós, cristãos, amesquinhamos a nossa vocação, caímos na superficialidade, perdemos o tempo em disputas e querelas. Ou, o que é pior ainda, não falta quem se escandalize falsamente com o modo como os outros vivem certos aspetos da Fé ou determinadas devoções e, em vez de serem eles a abrir o caminho, esforçando-se por vivê-las da maneira que consideram reta, entretêm-se a destruir e a criticar. É claro que podem surgir, e de facto surgem, deficiências na vida dos cristãos. O que importa, porém, não somos nós e as nossas misérias; só Ele importa, só Jesus. É de Cristo que devemos falar; não de nós mesmos.

As reflexões que acabo de fazer são provocadas por uma suposta crise na devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Tal crise não existe. A verdadeira devoção foi e continua a ser uma atitude viva, cheia de sentido humano e de sentido sobrenatural. Os seus frutos têm sido e continuam a ser frutos saborosos de conversão, de entrega, de cumprimento da vontade de Deus, de penetração amorosa nos mistérios da Redenção.

Bem diversas, pelo contrário, são as manifestações de um sentimentalismo ineficaz, vazio de doutrina, eivado de pietismo. Também eu não gosto das imagens delambidas, dessas figurações do Sagrado Coração que não podem inspirar devoção nenhuma a pessoas com senso comum e com sentido sobrenatural próprio de cristãos. Mas não é sinal de boa lógica converter certos abusos de ordem prática, que acabam por desaparecer, num problema doutrinário, de ordem teológica.

Se crise existe, é no coração dos homens, que - por miopia, por egoísmo, por estreiteza de vistas - não são capazes de vislumbrar o insondável amor de Cristo Senhor Nosso. A liturgia da Santa Igreja, desde que se instituiu a festa de hoje, tem sabido oferecer o alimento da verdadeira piedade, recolhendo como leitura para a Missa um texto de S. Paulo em que nos é proposto todo um programa de vida contemplativa - conhecimento e amor, oração e vida - que começa por esta devoção ao Coração de Jesus. O próprio Deus, pela boca do Apóstolo, nos convida a seguir esse caminho: que Cristo habite pela fé nos vossos corações, e que, arreigados e cimentados na caridade, possais compreender com todos os santos qual é a amplitude e a grandeza, a altura e a profundidade do mistério; e conhecer também aquele amor de Cristo que ultrapassa todo o conhecimento, para vos encherdes de toda a plenitude de Deus.

A plenitude de Deus revela-se-nos em Cristo e é em Cristo que nos é dada: no seu amor, no seu Coração. Porque este é o Coração d'Aquele em quem habita corporalmente toda a plenitude da divindade. Por isso, se se perde de vista este alto desígnio de Deus, - a corrente de amor instaurada no mundo pela Encarnação, pela Redenção e pelo Pentecostes - não se poderão compreender as delicadezas do Coração do Senhor.

A verdadeira devoção ao coração de Cristo

Consideremos toda a riqueza que se encerra nestas palavras: Sagrado Coração de Jesus. Quando falamos de um coração humano, não nos referimos só aos sentimentos: aludimos à pessoa toda que quer, que ama,

que convive com os outros. Ora, na maneira de os homens se exprimirem, que a Sagrada Escritura utiliza para nos dar a entender as coisas divinas, o coração é tido por resumo e fonte, expressão e fundo íntimo dos pensamentos, das palavras, das ações. Um homem vale o que vale o seu coração - diríamos com palavras bem humanas.

Ao coração pertence a alegria: alegre-se o meu coração com o teu auxílio! O arrependimento: o meu coração é como cera que se derrete dentro do peito; o louvor a Deus: do meu coração brota um cântico belo; a decisão para ouvir o Senhor: está disposto o meu coração; a vigília amorosa: eu durmo, mas o meu coração vigia. E ainda a dúvida e o temor: não se perturbe o vosso coração; crede em Mim.

O coração não sente apenas: também sabe e entende. A lei de Deus é recebida no coração, e nele permanece escrita. E a Escritura acrescenta: a boca fala da abundância do coração. O Senhor lançou em rosto a uns escribas: porque pensais mal em vossos corações? E, para resumir todos os pecados que um homem pode cometer, disse: é do coração que saem todos os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias.

Quando, na Sagrada Escritura, se fala de coração, não se trata de um sentimento passageiro, que perturba ou faz nascer as lágrimas. Fala-se do coração para indicar a pessoa, pois esta, como disse o próprio Jesus, orienta-se toda - alma e corpo - para o que considera o seu bem: porque onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração.

É por isso que, quando falamos do coração de Jesus, manifestamos a certeza do amor de Deus e a verdade da sua entrega a nós mesmos. Recomendar a devoção a esse Sagrado Coração é o mesmo que dizer que nos devemos orientar integralmente, com tudo o que somos - a nossa alma, os nossos sentimentos, os nossos pensamentos, palavras e ações, os nossos trabalhos e as nossas alegrias - para Jesus todo.

Nisto se define a verdadeira devoção ao Coração de Jesus: em conhecer a Deus e conhecemo-nos a nós mesmos, e em olhar para Jesus e recorrer a Ele - que nos anima, nos ensina, nos guia. A única superficialidade que pode haver nesta devoção é a do homem que não é integralmente humano e que, por isso, não consegue aperceber-se da realidade de Deus feito carne.

Cristo na Cruz, com o Coração trespassado de Amor pelos homens, é uma resposta eloquente - as palavras não são necessárias - à pergunta sobre o valor das coisas e das pessoas. Pois valem tanto os homens, a sua vida, a sua felicidade, que o próprio Filho de Deus Se entrega para os remir, para os purificar, para os elevar! Quem não amará o seu coração tão ferido? - perguntava uma alma contemplativa. E continuava a perguntar: Quem não dará amor por amor? Quem não abraçará um Coração tão puro? Nós, que somos de carne, pagaremos amor com amor, abraçaremos o Ferido que encontrámos, Aquele a quem os ímpios atravessaram as mãos e os pés, o lado e o Coração. Peçamos-lhe que Se digne prender o nosso coração com o vínculo do seu amor, feri-lo com uma lança, pois é ainda duro e impenitente.

São pensamentos, afetos e palavras que as almas enamoradas desde sempre dedicaram a Jesus. Mas, para entender essa linguagem, para saber na verdade o que é o coração humano e o Coração de Cristo e o amor de Deus, são precisas a Fé e a humildade. Foi com Fé e humildade que Santo Agostinho escreveu para nós estas palavras universalmente famosas: criastes-nos, Senhor, para Vós, e o nosso coração está inquieto enquanto em Vós não repousa.

Quando não cultiva a humildade, o homem pretende apropriar-se de Deus, mas não dessa maneira divina que o próprio Cristo tomou possível ao dizer tomai e comei: isto é o meu Corpo; antes, tentando reduzir a grandeza divina aos limites humanos. A razão - razão fria e cega, que não é a inteligência nascida da Fé, nem sequer a reta inteligência da criatura capaz de saborear e amar as coisas - converte-se na sem-razão de quem tudo submete à sua pobre experiência vulgar, que amesquinha a verdade humana e cobre o coração do homem com uma crosta insensível às inspirações do Espírito Santo. A nossa pobre inteligência estaria perdida, se não fosse o poder misericordioso de Deus, que rasga as fronteiras da nossa miséria: hei de dar-vos um coração novo e revestir-vos de um novo espírito; hei de tirar-vos o vosso coração de pedra e

dar-vos em seu lugar um coração de carne. E a alma recuperará a luz e há-de encher-se de alegria, por força das promessas da Sagrada Escritura.

Eu tenho pensamentos de paz e não de aflição, declarou Deus pela boca do profeta Jeremias. A Liturgia aplica estas palavras a Jesus, porque n'Ele se nos manifesta com toda a clareza que é assim que Deus nos ama. Não vem condenar-nos; não vem para nos lançar em rosto a nossa indigência ou a nossa mesquinhez: vem salvar-nos, perdoar-nos, desculpar-nos, trazer-nos a paz e a alegria. Se reconhecermos esta maravilhosa relação do Senhor com os seus filhos, os nossos corações mudarão com certeza e veremos abrir-se diante dos nossos olhos um horizonte absolutamente novo, cheio de relevo, de profundidade e de luz.

Levar aos outros o amor de Cristo

Mas reparai: Deus não nos declara: em vez do coração, dar-vos-ei uma vontade própria de puro espírito. Não, dá-nos um coração, e um coração de carne, como o de Cristo. Não tenho um coração para amar a Deus e outro para amar as pessoas da Terra. Com o mesmo coração com que amo os meus pais e estimo os meus amigos, com esse mesmo coração amo Cristo, e o Pai, e o Espírito Santo, e Santa Maria. Não me cansarei de vos repetir: temos de ser muito humanos, porque, se não, também não podemos ser divinos.

O amor humano, o amor cá deste mundo, quando é verdadeiro, ajuda-nos a saborear o amor divino. E assim entrevemos o amor com que havemos de gozar de Deus e aquele que lá no Céu nos há-de unir uns aos outros, quando o Senhor for tudo em todas as coisas. E, começando a entender o que é o amor divino, havemos de nos mostrar habitualmente mais compassivos, mais generosos, mais entregados.

Havemos de dar o que recebemos, ensinar o que aprendemos; levar os outros a participar - sem soberba, com simplicidade - desse conhecimento do amor de Cristo. Quando cada um de vós realiza o seu trabalho, exerce a sua profissão na sociedade, pode e deve converter essa tarefa num serviço. O trabalho bem acabado, que progride e faz progredir e tem em conta o avanço da cultura e da técnica, realiza uma grande função, que será sempre útil à humanidade inteira, se nos mover a generosidade, não o egoísmo; o amor por todos, não o proveito próprio; se estiver cheio de sentido cristão da vida.

É a partir desse trabalho e na própria rede das relações humanas, que haveis de mostrar a caridade de Cristo e os seus resultados concretos de amizade, de compreensão, de ternura humana, de paz. Assim como Cristo passou fazendo o bem, por todos os caminhos da Palestina, assim vós ireis por todos os caminhos humanos - da família, da sociedade civil, das relações profissionais de cada dia - semeando paz. E será esta a melhor prova de que o Reino de Deus chegou aos vossos corações. Nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida, - escreve o apóstolo S. João - porque amamos os nossos Irmãos.

Mas ninguém pode viver esse amor se não se formar na escola do Coração de Jesus. Só se olharmos e contemplarmos o Coração de Cristo, conseguiremos que o nosso se liberte do ódio e da indiferença. Só assim saberemos reagir cristamente diante dos sofrimentos alheios, diante da dor.

Recordai a cena que nos conta S. Lucas, quando Cristo andava nos arredores da cidade de Naim.

Jesus vê a angústia daquelas pessoas, com quem Se cruzou ocasionalmente. Podia ter passado de lado, ou ter esperado que O chamassem e Lhe fizessem um pedido. Mas não Se afasta, nem fica na expectativa. Toma ele próprio a iniciativa, movido pela aflição de uma viúva que perdera a única coisa que Lhe restava - o filho.

Explica o evangelista que Jesus Se compadeceu; talvez a sua comoção tivesse também sinais externos, como pela morte de Lázaro. Jesus não era, nem é, insensível ao padecimento que nasce do amor, nem sente prazer em separar os filhos dos pais. Supera a morte, para dar a vida, para que aqueles que se amam convivam, exigindo antes e ao mesmo tempo a preeminência do Amor divino que deve informar a autêntica existência cristã.

Cristo sabe que O rodeia uma grande multidão, a quem o milagre encherá de pasmo e que há de ir apregoando o sucedido por toda aquela região. Mas o Senhor não atua com artificialismo, só para praticar um "feito": sente-Se singelamente afetado pelo sofrimento daquela mulher; não pode deixar de a consolar. Então, aproximou-Se e disse-lhe: não chores. Que é como se lhe dissesse: não te quero ver desfeita em lágrimas, pois Eu vim trazer à Terra a alegria e a paz. E imediatamente se dá o milagre, manifestação do poder de Cristo, Deus. Mas antes já se dera a comoção da sua alma, manifestação evidente da ternura do coração de Cristo, Homem.



Se não aprendermos com Jesus, nunca amaremos. Se pensássemos, como alguns pensam, que conservar um coração limpo, digno de Deus, significa não o misturar, não o contaminar com afetos humanos, o resultado lógico seria tornar-nos insensíveis à dor dos outros. Só seríamos capazes de uma caridade oficial, seca e sem alma; não da verdadeira caridade de Jesus Cristo, que é ternura, amor humano. Mas com isto não estou a justificar certas teorias com que se pretende desculpar o desvio dos corações, afastando-os de Deus e levando-os a más ocasiões e à perdição.

Na festa de hoje, havemos de pedir ao Senhor que nos dê um coração bom, capaz de se compadecer das penas das criaturas, capaz de compreender que, para remediar os tormentos que acompanham e tanto angustiam as almas neste mundo, o verdadeiro bálsamo é o amor, a caridade; todas as outras consolações só servem para nos distrair por um momento e deixar depois amargura e desespero.

Se queremos ajudar os outros, temos de os amar - deixai-me insistir - com um amor que seja compreensão e entrega, afecto e humildade voluntária. Assim compreenderemos por que quis o Senhor resumir toda a Lei nesse duplo mandamento, que é afinal um mandamento só: o amor de Deus e o amor do próximo, com todo o coração.

Talvez estejais a pensar que, por vezes, nós, cristãos - não os outros: tu e eu - nos esquecemos das aplicações mais elementares deste dever. Talvez penseis em tantas injustiças a que se não dá remédio, em abusos que não se corrigem, em situações de discriminação que se transmitem de geração em geração, sem se procurar uma solução de raiz.

Não posso, nem isso me compete, propor-vos a forma concreta de resolver esses problemas. Mas, como sacerdote de Cristo, é meu dever recordar-vos o que a Sagrada Escritura diz. Meditai na cena do Juízo, que o próprio Jesus descreveu: afastai-vos de Mim, malditos, e ide para o fogo eterno, que foi preparado para o Diabo e os seus anjos. Porque tive fome e não Me destes de comer; tive sede e não Me destes de beber; fui peregrino e não Me recebestes; nu, e não Me cobristes; enfermo e encarcerado, e não Me visitastes.

Um homem ou uma sociedade que não reaja diante das tribulações ou das injustiças e se não esforce por as aliviar, não é um homem ou uma sociedade à medida do amor do Coração de Cristo. Os cristãos - conservando sempre a mais ampla liberdade quando se trata de estudar e de pôr em prática as diversas soluções, segundo um pluralismo bem natural - terão de convergir no mesmo anseio de servir a humanidade.

Se não, o seu cristianismo não será a Palavra e a Vida de Jesus: será um disfarce, um embuste feito a Deus e aos homens.

A paz de Cristo

Tenho ainda a propor-vos uma outra consideração: devemos lutar sem descanso por fazer o bem, precisamente por sabermos que nos é difícil, a nós, homens, decidirmo-nos a sério a exercer a justiça, e é muito o que falta para que a convivência terrena esteja inspirada pelo amor e não pelo ódio ou pela indiferença. Não esqueçamos também que, mesmo que consigamos atingir um estado razoável de distribuição dos bens e uma harmoniosa organização da sociedade, não há de desaparecer a dor da doença, da incompreensão ou da solidão, a dor da experiência das nossas próprias limitações.

Em face dessas penas, o cristão só tem uma resposta autêntica, uma resposta definitiva: Cristo na Cruz, Deus que sofre e que morre, Deus que nos entrega o seu Coração, aberto por uma lança, por amor a todos. Nosso Senhor abomina as injustiças e condena quem as comete. Mas, como respeita a liberdade das pessoas, permite que existam. Deus Nosso Senhor não causa a dor das criaturas, mas tolera-a como parte que é - depois do pecado original - da condição humana. E, no entanto, o seu Coração, cheio de amor pelos homens, levou-O a tomar sobre os seus ombros, juntamente com a Cruz, todas essas torturas: o nosso sofrimento, a nossa tristeza, a nossa angústia, a nossa fome e sede de justiça.

A doutrina cristã sobre a dor não é um programa de fáceis consolações. Começa logo por ser uma doutrina de aceitação do sofrimento, inseparável de toda a vida humana. Não vos posso esconder - e com alegria pois sempre preguei e procurei viver a verdade de que, onde está a Cruz está Cristo, o Amor - que a dor apareceu muitas vezes na minha vida; e mais de uma vez tive vontade de chorar. Noutras ocasiões, senti crescer em mim o desgosto pela injustiça e pelo mal. E soube o que era a mágoa de ver que nada podia fazer, que, apesar dos meus desejos e dos meus esforços, não conseguia melhorar aquelas situações iníquas.

Quando vos falo de dor, não vos falo apenas de teorias. Nem me limito a recolher uma experiência de outros, quando vos confirmo que, se sentis, diante da realidade do sofrimento, que a vossa alma vacila algumas vezes, o remédio que tendes é olhar para Cristo. A cena do Calvário proclama a todos que as aflições hão-de ser santificadas, se vivermos unidos à Cruz.

Porque as nossas tribulações, cristamente vividas, se convertem em reparação, em desagravo, em participação no destino e na vida de Jesus, que voluntariamente experimentou, por amor aos homens, toda a espécie de dores, todo o género de tormentos. Nasceu, viveu e morreu pobre; foi atacado, insultado, difamado, caluniado e condenado injustamente; conheceu a traição e o abandono dos discípulos; experimentou a solidão e as amarguras do suplício e da morte. Ainda agora, Cristo continua a sofrer nos seus membros, na Humanidade inteira que povoa a Terra e da qual Ele é Cabeça e Primogénito e Redentor.

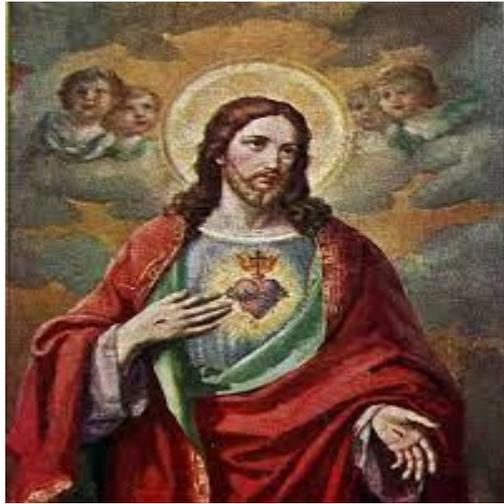
A dor entra nos planos de Deus. Ainda que nos custe entendê-la, é esta a realidade. Também Jesus, como homem, teve dificuldade em admiti-la: Pai, se é possível, afasta de Mim este cálice! Não se faça, porém, a minha vontade, mas a tua! Nesta tensão entre o sofrimento e a aceitação da vontade do Pai, Jesus vai serenamente para a morte, perdendo aos que O crucificaram.

Ora, esta aceitação sobrenatural da dor pressupõe, por outro lado, a maior conquista. Jesus, morrendo na Cruz, venceu a morte. Deus tira da morte a vida. A atitude de um filho de Deus não é a de quem se resigna à sua trágica desventura; é, sim, a satisfação de quem já antegoza a vitória. Em nome desse amor vitorioso de Cristo, nós, os cristãos, devemos lançar-nos por todos os caminhos da Terra, para sermos semeadores de paz e de alegria, com a nossa palavra e nossas obras. Temos de lutar - é uma luta de paz - contra o mal, contra a injustiça, contra o pecado, para proclamarmos assim que a actual condição humana não é a definitiva; o amor de Deus, manifestado no Coração de Cristo, conseguirá o glorioso triunfo espiritual dos homens.

Evocámos há pouco o episódio de Naim. Poderíamos citar ainda outros, porque os Evangelhos estão cheios de cenas semelhantes. Esses relatos sempre comoveram e hão de continuar a comover os corações

dos homens. Efetivamente, não incluem apenas o gesto sincero de um homem que se compadece dos seus semelhantes: são, essencialmente, a revelação da imensa caridade do Senhor. O Coração de Jesus é o Coração de Deus Encarnado, do Emanuel - Deus conosco.

A Igreja, unida a Cristo, nasce de um Coração ferido. É desse Coração, aberto de par em par, que a vida nos é transmitida. Como não recordar aqui, embora de passagem, os sacramentos através dos quais Deus opera em nós e nos faz participantes da força redentora de Cristo? Como não recordar com particular gratidão o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, o Santo Sacrifício do Calvário e a sua constante renovação incruenta na nossa Missa? É Jesus, que Se nos entrega como alimento; porque Jesus vem até nós, tudo muda e no nosso ser manifestam-se forças - a ajuda do Espírito Santo - que enchem a alma, que formam as nossas ações, o nosso modo de pensar e de sentir. O coração de Cristo é paz para o cristão.



O fundamento da entrega que o Senhor nos pede não está só nos nossos desejos e nas nossas forças, tantas vezes limitados e impotentes: apoia-se, antes de tudo, nas graças que conquistou para nós o amor do Coração de Deus feito Homem. Por isso, podemos e devemos perseverar na nossa vida interior de filhos do Pai que está nos Céus, sem darmos acolhimento ao desânimo e à desesperança. Gosto de mostrar como o cristão, na sua existência habitual e corrente, nos mais simples pormenores, nas circunstâncias normais do seu dia-a-dia, exercita a Fé, a Esperança e a Caridade, porque aí é que reside a essência da conduta de uma alma que conta com o auxílio divino e que, na prática dessas virtudes teológicas, encontra a alegria, a força e a serenidade.

São estes os frutos da paz de Cristo, da paz que nos veio trazer o seu Coração Sagrado. Porque - digamo-lo mais uma vez - o amor de Jesus pelos homens é uma das profundidades insondáveis do mistério divino, do amor do Filho ao Pai e ao Espírito Santo. O Espírito Santo, laço de amor entre o Pai e o Filho, encontra no Verbo um coração humano.

Não é possível falar destas realidades centrais da nossa fé sem darmos pela limitação da nossa inteligência diante das grandezas da Revelação. No entanto, embora a nossa razão se encha de pasmo, cremos nelas com humildade e firmeza. Sabemos, apoiados no testemunho de Cristo, que essas realidades são assim mesmo. Que o Amor, no seio da Trindade, se derrama sobre todos os homens por intermédio do amor do Coração de Jesus.

Viver no Coração de Jesus, unir-nos a Ele estreitamente é, portanto, convertermo-nos em morada de Deus. Aquele que Me ama será amado pelo meu Pai, anunciou o Senhor. E Cristo e o Pai, no Espírito Santo, vêm à alma e fazem nela a sua morada.

Quando compreendemos - ainda que seja só um pouquinho - estas verdades fundamentais, a nossa maneira de ser transforma-se. Passamos a ter fome de Deus e fazemos nossas as palavras do Salmo: Meu Deus, eu Te procuro solícito; sedenta de Ti está a minha alma; a minha carne deseja-Te, como terra árida, sem água. E Jesus, que suscitou as nossas ansiedades, vem ao nosso encontro e diz-nos: se alguém tem sede,

venha a Mim e beba. E oferece-nos o seu Coração, para encontrarmos nele o nosso repouso e a nossa fortaleza. Se aceitarmos o seu chamamento, veremos como as suas palavras são verdadeiras, e aumentará a nossa fome e a nossa sede, até desejarmos que Deus estabeleça no nosso coração o lugar do seu repouso e não afaste de nós o seu calor e a sua luz.

Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur? Vim trazer fogo à Terra, e que quero eu senão que se acenda? Já que nos aproximámos um bocadinho do fogo do Amor de Deus, deixemos que o seu impulso mova as nossas vidas, sintamos o entusiasmo de levar o fogo divino de um extremo ao outro do mundo, de o dar a conhecer àqueles que nos rodeiam - para que também eles conheçam a paz de Cristo e, com ela, encontrem a felicidade. Um cristão que viva unido ao Coração de Jesus não pode ter outros objetivos senão estes: a paz na sociedade, a paz na Igreja, a paz na própria alma, a paz de Deus, que se consumará quando vier a nós o seu Reino.

Maria, Regina Pacis, Rainha da Paz, porque tiveste fé e acreditaste que se cumpriria o anúncio do Anjo, ajuda-nos a aumentar a Fé, a sermos firmes na Esperança, a aprofundar o Amor. Porque é isso que quer hoje de nós o Teu Filho, ao mostrar-nos o seu Sacratíssimo Coração.



II - Imaculado Coração de Maria



PODER E EFICÁCIA SOBRENATURAIS

1. Conheça a origem da devoção ao Imaculado Coração de Maria

A revelação da devoção reparadora ao Imaculado Coração começou na segunda aparição da Santíssima Virgem Maria aos pastorinhos: Lúcia, Francisco e Jacinta, em Fátima, Portugal, a 13 de junho de 1917. A Mãe de Jesus disse à pequena Lúcia, a mais velha dos três pastorinhos: “Ele [Jesus] quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração” (1). Logo após ouvir essas palavras, os pastorinhos viram Nossa Senhora com um coração na mão, cercado de espinhos. As três crianças compreenderam que aquele era o Coração Imaculado da Santíssima Virgem, ofendido pelos pecados da humanidade, que necessitavam de reparação.

Na aparição seguinte, no dia 13 de julho, Nossa Senhora concedeu às três crianças uma experiência extraordinária! Elas viram, no inferno, os demónios e as almas dos condenados, que gritavam e gemiam de dor e desespero. Depois dessa visão assustadora, disse aos pastorinhos: “Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração” (2). No entanto, a Virgem Santíssima não revelou como deveríamos fazer tal reparação, mas disse que voltaria para pedir essa devoção reparadora.

Sete anos depois, no dia 10 de dezembro de 1925, em Pontevedra, Espanha, Nossa Senhora revelou à então postulante Lúcia a devoção reparadora dos cinco primeiros sábados. Entretanto, somente dois anos

mais tarde, em dezembro de 1927, por ordem de seu confessor, Lúcia deu a conhecer as palavras de Nossa Senhora: “Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos, que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam com blasfêmias e ingratidões. Tu, ao menos, procura consolar-Me, e diz que todos aqueles que, durante cinco meses, no primeiro sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço, e Me fizerem quinze minutos de companhia, meditando nos quinze mistérios do Rosário, com o fim de me desagravar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas”(3).

A memória litúrgica do Imaculado Coração de Maria é comemorada no sábado seguinte à solenidade do Sagrado Coração de Jesus, celebrada na segunda sexta-feira depois da solenidade de [Corpus Christi](#). No entanto, a devoção ao Imaculado Coração de Maria remonta aos inícios da Igreja, pois tem suas raízes mais profundas nas Sagradas Escrituras. Nelas, encontramos referências ao Imaculado Coração no Evangelho segundo São Lucas, o “pintor” da Santíssima Virgem: “Maria conservava todas estas palavras, meditando-as no seu coração” (Lc 2,19). “Em seguida, desceu com eles a Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração” (Lc 2,51).

A semente do [Evangelho](#), plantada pelos apóstolos e discípulos de Jesus Cristo, germinou na doutrina dos Santos Padres e desenvolveu-se com os teólogos e místicos da Idade Média. Nos séculos seguintes, surgiram outros grandes devotos do Imaculado Coração de Maria, bem como do Coração de Jesus, como São Bernardo, Santa Gertrudes, Santa Brígida, São Bernardino de Sena e São João Eudes. Este último foi o maior apóstolo da devoção ao Coração de Maria. Em 1648, o Padre João Eudes obteve do Bispo de Autun, na França, a aprovação da celebração da festa.

A Santa Sé mostrou-se favorável ao culto ao Imaculado Coração no início do século XIX. Em 1805, o Papa Pio VII concedeu a autorização para a celebração da festa às dioceses e às congregações religiosas que lhe pediam. No ano de 1855, o Papa Pio IX aprovou a Missa e o Ofício próprios do Imaculado Coração de Maria. Durante a Segunda Guerra Mundial, em 8 de dezembro de 1942, na Solenidade da Imaculada Conceição, o Papa Pio XII consagrou a Igreja e todo o [género](#) humano ao Coração Imaculado de Maria e, três anos depois, estendeu a festa do Imaculado Coração de Maria a toda a Igreja Católica.

A partir das aparições de Nossa Senhora, em Fátima, a devoção ao Imaculado Coração de Maria ganha ainda mais força, especialmente na devoção particular dos fiéis, como aconteceu com a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. A esse respeito, escreveu o Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira: “A missão especial de Fátima é a difusão no mundo do culto ao Imaculado Coração de Maria. À medida que a perspectiva do tempo nos permitir julgar melhor os acontecimentos de que fomos testemunhas, estou certo que melhor se verá que [Fátima](#) será, para o culto do Coração de Maria, o que Paray-le-Monial foi para o Coração de Jesus (4)”.



2. A consagração dos sábados e a devoção ao Imaculado Coração de Maria

A consagração dos sábados à Virgem Maria não é nenhuma novidade na Igreja. Todavia, o pedido dessa devoção por Nossa Senhora foi uma magnífica confirmação dos Céus de uma antiga piedade mariana. O sábado, como dia especialmente consagrado a Nossa Senhora, é uma tradição que tem a sua origem, muito provavelmente, nos primeiros séculos da [Igreja](#). “A presença da Missa de Nossa Senhora nos Sábados, no missal romano de São Pio V, de 1570, mostra a antiguidade dessa prática, que consiste em honrar especialmente a Santa Mãe de Deus nesse dia da semana”(5).

Apoiados nesta bela e piedosa tradição da Igreja, os membros das confrarias do [Rosário](#) consagravam especialmente à Santíssima Virgem quinze sábados consecutivos de cada ano litúrgico. Durante esses sábados, “eles aproximavam-se dos sacramentos e cumpriam exercícios de piedade particulares em honra dos quinze mistérios do santo rosário. Em 1889, o Papa Leão XIII concedeu a todos os fiéis uma indulgência plenária a ser ganha durante um desses quinze sábados”(6). Entretanto, é com o grande Papa São Pio X que a devoção dos primeiros sábados foi aprovada e encorajada pela Santa Sé que, em 10 de julho de 1905, indulgenciou, pela primeira vez, essa devoção mariana. Em 13 de junho de 1912, São Pio X concedeu “indulgência plenária, aplicável às almas dos defuntos, no primeiro sábado de cada mês, por todos aqueles que, nesse dia, se confessarem, comungarem, cumprirem exercícios particulares de [devoção](#) em honra da bem-aventurada Virgem Maria, em espírito de reparação”(7).

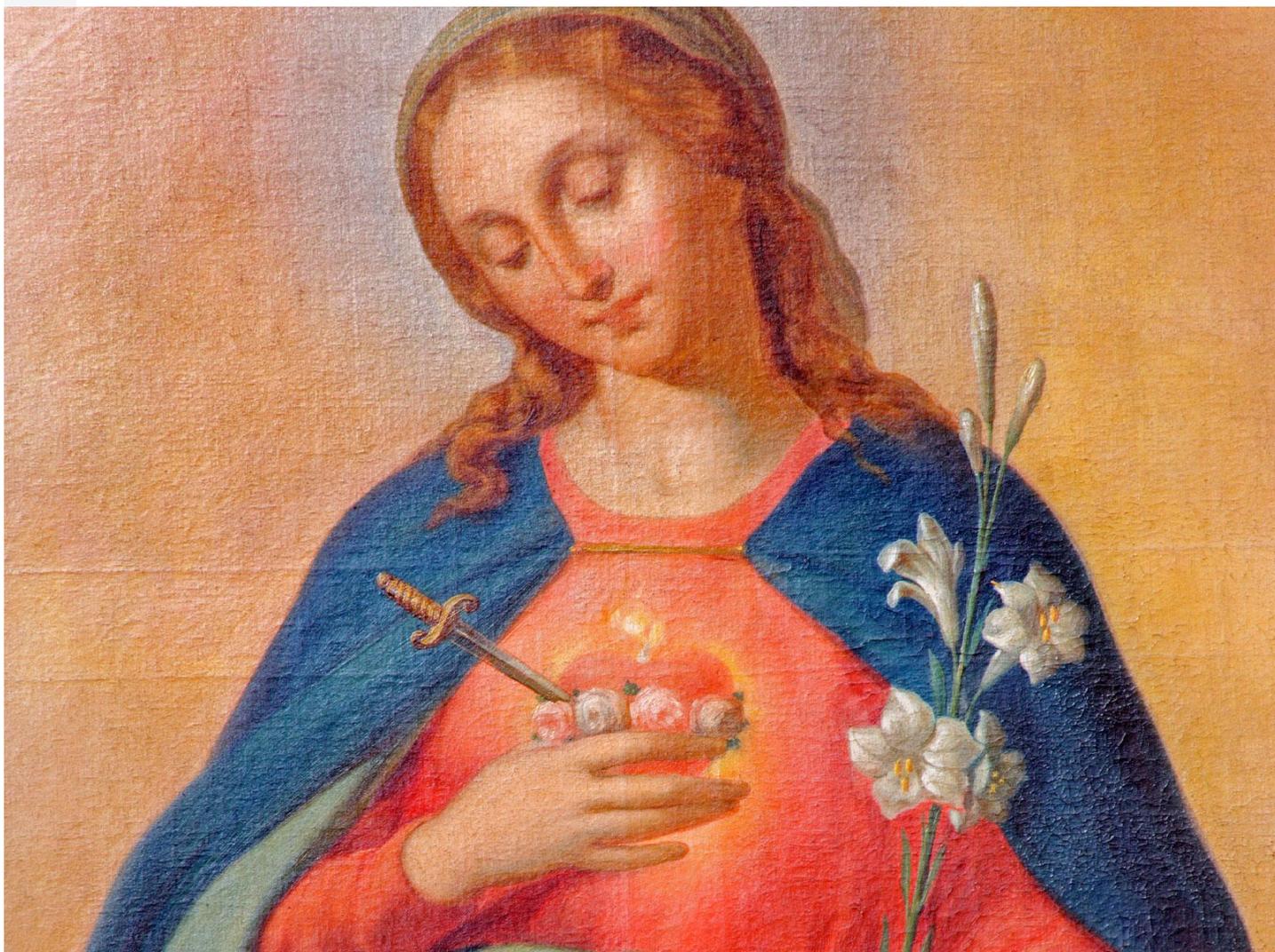


Foto Ilustrativa: sedmak by Getty Images / cancaonova.com

Por desígnio da Divina Providência, cinco anos depois, na mesma data, aconteceu a “segunda aparição de Nossa Senhora em Fátima, durante a qual os três pastorinhos testemunharam a primeira grande manifestação do Imaculado Coração da Virgem Maria, vendo-o ‘cercado de espinhos que pareciam enterrados nele. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação””(8). Os termos usados pelo Papa São Pio X são quase exatamente os mesmos do pedido de Nossa Senhora à Irmã Lúcia, principalmente no que diz respeito “à extrema importância da intenção reparadora, única capaz de afastar e apaziguar a cólera de Deus”(9).

Depois de conhecer um pouco mais a história da Igreja, percebemos que, em Fátima e em Pontevedra, a Virgem Maria não é inovadora, mas deu-nos uma confirmação do Céu e um novo impulso à devoção dos primeiros sábados, unindo-a com a devoção ao seu Imaculado Coração.



3. Por que cinco sábados em reparação ao Imaculado Coração?

Em 1930, o [padre](#) José Bernardo Gonçalves, então confessor da Irmã Lúcia, intrigado com a devoção dos cinco primeiros sábados em reparação ao Imaculado Coração de Maria, perguntou à Irmã: “Por que hão de ser ‘cinco sábados’ e não nove ou sete em honra das dores de Nossa Senhora?”(10) Mas Lúcia não soube responder a pergunta do confessor. A Irmã Lúcia não sabia o que fazer ou dizer, até que, durante uma das suas orações, na noite do dia 29 para 30 de maio de 1930, nosso Senhor Jesus [Cristo](#) revelou-lhe a razão da devoção dos cinco primeiros sábados: “Minha filha, o motivo é simples: são cinco as espécies de ofensas



e blasfêmias contra o Imaculado Coração de Maria:

- 1 – As blasfêmias contra a Imaculada Conceição;
- 2 – Contra a Sua virgindade;
- 3 – Contra a Maternidade Divina, recusando, ao mesmo tempo, recebê-La como Mãe dos [homens](#);
- 4– Os que procuram publicamente infundir, nos corações das crianças, a indiferença, o desprezo e até o ódio para com esta Mãe Imaculada;
- 5 – Os que a ultrajam directamente nas suas sagradas imagens.

Eis, minha filha, o motivo pelo qual o Imaculado Coração de Maria Me levou a pedir essa pequena reparação; e, em atenção a ela, mover a minha misericórdia ao [perdão](#) para com essas almas que tiveram a desgraça de a ofender”(11).

A **primeira ofensa** é a negação do dogma da Imaculada Conceição, promulgado pelo Papa Pio IX em 8 de dezembro de 1854.

A segunda, a negação da Doutrina Católica a respeito da virgindade perpétua de Nossa Senhora. São opositores dessa verdade as pessoas que negam que a concepção e o parto de Jesus não foram virginais, e que a Mãe de Deus não conservou a virgindade depois do parto, bem como aquelas que dizem que a Santíssima Virgem teve mais [filhos](#) além de Jesus.

A terceira, a negação da maternidade divina e espiritual da Virgem Maria, declarada no III Concílio de Constantinopla, no ano de 680. Nossa Senhora é [Mãe](#) de Deus e, ao mesmo tempo, Mãe espiritual dos homens, pela sua participação no mistério da Redenção de toda a humanidade.

A quarta, é o ódio para com a Santíssima Virgem Maria colocado, à força de falsas doutrinas, injúrias e blasfêmias, no coração das [crianças](#). Desde o século passado, “a ideologia marxista-comunista procurou eliminar todos os vestígios de religião, a começar pelas crianças. [...] Ensinava-se às crianças o racionalismo puro e, além disso, em certa nação, os pequeninos aprendiam ‘ladainhas’ de injúrias contra a Mãe de Deus”(12).

A quinta, é o desrespeito para com as sagradas imagens de Nossa Senhora. Como outrora, não é raro, nos nossos dias, o ultraje, o sacrilégio, o vandalismo, a destruição das imagens da Virgem Maria, principalmente quando estão expostas em locais públicos. Além disso, as pessoas que tiram as suas imagens das igrejas e capelas, ou as reduzem ao mínimo, ofendem também o Coração Imaculado da Santíssima Virgem e contrariam o que foi dito no Concílio Vaticano II a respeito das imagens sacras: “Observem religiosamente aquelas coisas que nos tempos passados foram decretadas acerca do culto das imagens de Cristo, da Bem-aventurada Virgem Maria e dos [Santos](#)”(13), ou seja, devemos zelar pela tradicional e salutar devoção às sagradas imagens.



4. Como praticar a devoção dos cinco primeiros sábados?

A própria Virgem Maria nos ensinou a praticar a devoção reparadora das ofensas ao seu Imaculado Coração.



Para praticar perfeitamente essa devoção, devemos – durante os cinco primeiros sábados de cinco

meses seguidos, na intenção geral de reparar os nossos próprios [pecados](#) e os de toda a humanidade contra o Coração Imaculado de Maria – realizar quatro actos de piedade:

1 – A Confissão: devemos confessar-nos preferencialmente no primeiro sábado. Caso seja impossível, ou muito difícil, podemos confessar-nos até oito dias, ou mais, de antecedência. Todavia, recordamos que é necessário estar em estado de graça no primeiro sábado do mês, a fim de fazer a comunhão reparadora. Na [confissão](#), é indispensável a intenção de reparar as ofensas contra o Imaculado Coração de Maria. Essa intenção reparadora não precisa de ser dita ao confessor, mas apenas colocada mentalmente diante de Deus antes da confissão. Jesus Cristo disse à Irmã Lúcia que, se nos esquecermos da intenção reparadora, podemos colocar essa intenção na confissão seguinte, aproveitando a primeira ocasião que tivermos para nos confessar;

2 – O Terço: a tradicional [oração](#) do Terço mariano também faz parte da devoção dos cinco primeiros sábados, que deve ser rezado com a intenção da reparação do Imaculado Coração da Santíssima Virgem;

3 – Os 15 minutos de meditação dos mistérios do Rosário: Nossa Senhora pediu que lje fizéssemos companhia durante pelo menos 15 minutos, meditando sobre os 15 mistérios do Rosário (14), na intenção da reparação ao seu Imaculado Coração. Essa meditação não precisa ser de todos os 15 ou 20 mistérios do Rosário. Podemos meditar apenas um, dois, três ou mais mistérios, conforme a nossa escolha. Outra opção é a meditação dos mistérios do Rosário conforme o tempo litúrgico. Por exemplo: no tempo do [Advento](#), podemos meditar os mistérios Gozosos; no tempo da Quaresma, os Mistérios Dolorosos; no Tempo Pascal, os Mistérios Gloriosos; no Tempo Comum, podemos meditar aqueles mistérios que mais dizem respeito à Liturgia do dia ou do domingo;

4 – A comunhão: é um ato essencial da devoção reparadora ao Imaculado Coração de Maria. Para compreender bem a sua importância, lembremos que a devoção da comunhão das nove primeiras sextas-feiras tem como intenção a reparação das ofensas contra o Sagrado Coração de Jesus. Recordemos também que a comunhão milagrosa, dada aos três pastorinhos de Fátima pelo [Anjo da Guarda](#) de Portugal, no outono de 1916, teve um carácter eminentemente reparador. Essa intenção evidencia-se na oração ensinada pelo Anjo da Paz, repetida seis vezes, três vezes antes e três vezes depois da comunhão:

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, eu vos adoro profundamente e vos ofereço o preciosíssimo Corpo, Sangue, [Alma](#) e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da Terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido; e pelos méritos infinitos de seu Sacratíssimo Coração e do Imaculado Coração de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores (15).

Como nos casos acima expostos, a intenção reparadora na devoção dos cinco primeiros sábados é muito importante, porque as ofensas contra o Imaculado Coração de Maria também ofendem gravemente o Sacratíssimo Coração de Jesus. Essa devoção reparadora, como um todo, pode ser também feita no domingo seguinte ao primeiro sábado, desde que seja por motivos justos e autorizado por um sacerdote.



5. O poder e a eficácia sobrenaturais da devoção ao Imaculado Coração de Maria

Assim, a devoção ao Imaculado Coração, praticada nos primeiros sábados em reparação das ofensas cometidas contra a Virgem Maria, foi-nos revelada para obter a salvação de muitas almas, evitando que elas, ao morrerem, caíam no inferno. Na verdade, no nosso tempo, multiplicam-se, cada vez mais, os ataques contra a dignidade, os privilégios e as honras devidas a [Nossa Senhora](#). Além disso, há uma diminuição considerável do culto mariano em quase toda a Igreja, como consequência, principalmente, dos erros que foram espalhados pelo comunismo e ateísmo em todo o mundo e da indiferença religiosa de uma boa parte da sociedade.



Sendo este o estado das coisas nos nossos dias, a impiedade de muitos para com a Santíssima Virgem é ainda pior do que outrora. Por isso, certamente é mais do que essencial a intenção reparadora da nossa prática da devoção dos cinco primeiros sábados. Reparemos as ofensas cometidas contra o Imaculado Coração de Maria, tão ultrajado pela ingratidão dos [homens](#), através da devoção que ela mesma nos indicou.

Na carta a Dom Manuel Maria Ferreira da Silva, Arcebispo titular de Gurza, escrita em 27 de maio de 1943, a Irmã Lúcia ajuda-nos a compreender o poder e a eficácia sobrenaturais da devoção ao Imaculado Coração de Maria: “Os Santíssimos corações de Jesus e Maria amam e desejam este culto [ao Coração de Maria], porque dele se servem para atrair todas as almas a eles, e isso é tudo o que desejam: salvar as almas, muitas almas, todas as almas’. Nosso Senhor dizia-me há alguns dias: ‘Desejo ardentemente a propagação do culto e da devoção ao Coração de Maria, porque este Coração é o ímã que atrai as almas para Mim, a fornalha que irradia na terra os raios da minha luz e do meu amor, fonte inesgotável de onde brota na terra a água viva de minha [misericórdia](#)’ (16)”. Com a certeza desta eficácia sobrenatural, peçamos à Mãe de Deus, com insistência e perseverança, as boas disposições da nossa alma para bem praticar a devoção dos cinco primeiros sábados.

Imaculado Coração de Maria, rogai por nós!

.....

Referências:

(1). SANTUÁRIO DE FÁTIMA. A segunda aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria (13.06.1917), p.4. http://www.fatima.pt/files/upload/estudos/E008_A%20segunda%20aparicao%20de%20Nossa%20Senhora.pdf. (2). Idem. A terceira Aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria em 13 de julho de 1917, p. 6. http://www.fatima.pt/files/upload/estudos/E006_A%20terceira%20aparicao%20de%20Nossa%20Senhora.pdf. (3). CAPELA. A devoção reparadora dos cinco primeiros sábados do mês. http://www.capela.org.br/Artigos/convidados/delestrel.htm#_ftnref11. (4). UNIVERSO CATÓLICO. Imaculado Coração de Maria. <http://www.universocatolico.com.br/index.php?/imaculado-coracao-de-maria.html>. (5). CAPELA. Op. cit.. (6). Idem, ibidem.. (7). Idem, ibidem.. (8). Idem, ibidem. (9). Idem, ibidem. (10). SANTUÁRIO DE FÁTIMA. Comunhão Reparadora nos Primeiros Sábados. <http://www.santuario-fatima.pt/pt/news/devocao-cinco- primeiros-sabados>. (11). Idem, ibidem.. (12). Idem, ibidem.. (13). CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium, 67.. (14). Na época, o Rosário tinha apenas quinze mistérios. Hoje, podemos acrescentar também os cinco Mistérios Luminosos. No entanto, meditar estes não é obrigatório. (15). CAPELA. Op. cit.. (16). Idem, ibidem.

////////////////////////////////////

Fim

Índice

I - Sagrado Coração de Jesus

1.	<u>Introdução</u>	p. 3
2.	<u>A Solenidade do Sagrado Coração de Jesus</u>	p. 5
3.	<u>História sobre a devoção ao S. C. Jesus</u>	p. 7
4.	<u>Papa Francisco: Frases sobre o S. C. Jesus</u>	p. 9
5.	<u>Santificação dos Sacerdotes</u>	p. 10
6.	<u>Arte e espiritualidade: Duas pinturas</u>	p. 11
7.	<u>12 Promessas do Sagrado Coração de Jesus</u>	p. 14
8.	<u>Ladainha do Sagrado Coração de Jesus</u>	p. 15
9.	<u>Basílica da Estrela: dedicada ao S. C. Jesus</u>	p. 17
10.	<u>Coração de Cristo, paz dos cristãos</u>	p. 18

II - Imaculado Coração de Maria

1.	<u>Conheça a origem desta devoção</u>	p. 26
2.	<u>A Consagração dos Sábados</u>	p. 28
3.	<u>Porquê 5 Sábados em reparação ao Imaculado Coração de Maria</u>	p. 30
4.	<u>Como praticar a devoção dos 5 primeiros sábados</u>	p. 32
5.	<u>O poder e a eficácia sobrenaturais da devoção ao Imaculado Coração de Maria</u>	p. 34